

DE OCCULTA PHILOSOPHIA: MAGIA, HUMANISMO E CETICISMO EM CORNÉLIO AGRIPPA

Karina Susana Westphal¹

Resumo: O presente artigo realiza uma análise sucinta da vida e obra do autor humanista Cornélio Agrippa, mais especificamente de sua obra magna “Três Livros de Filosofia Oculta” ou “De Occulta Philosophia” e de sua possível contribuição para os fundamentos do pensamento científico, que já se insinuava em sua época. Tendo em vista que o pensamento do autor influenciou direta ou indiretamente outros pensadores renomados, este artigo pretende lançar luz a esse personagem e sua obra, considerados ambos controversos e misteriosos.

Palavras-chave: Filosofia Oculta; Renascimento; Agrippa.

***Abstract:** This article presents a brief analysis of the humanist author Cornélio Agrippa's life and work, more specifically from his masterpiece "Three Books of Occult Philosophy" or "De Occulta Philosophia" and its possible contribution to the foundations of scientific thinking, which already was insinuating itself in his time. Considering that the author's thoughts have influenced directly or indirectly other renowned thinkers, this article intends to shed light on this character and his work, considered both controversial and mysterious.*

Key words: occult philosophy, Renaissance, Agrippa.

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como tema o pensador humanista, também chamado de “Arquimago” pelos seus detratores (TYSON, 2012), Henrique Cornélio Agrippa de Nettesheim e sua obra magna, os “Três Livros de Filosofia Oculta”. Tanto o autor como a obra conseguiram o feito de serem populares e obscuros, amados e odiados, influentes e subestimados, eruditos e charlatões, reacionários e conservadores, céticos e crédulos, entre várias outras curiosas ambivalências que se pode atribuir a ambos.

¹ Esse artigo foi apresentado como atividade de avaliação em Unidade de Aprendizagem no curso de Filosofia da Unisul na modalidade a distância. A autora desse artigo formou-se no segundo semestre de 2015 no referido curso. Endereço de e-mail da autora < karina.westphal@unisul.br >.

Cornélio Agrippa nasceu na cidade de Colônia, na Alemanha, em 14 de setembro de 1486. Morou em diversas cidades da Europa, servindo a vários reis e rainhas; correspondeu-se com muitos eruditos e estudiosos, como o abade Trithemius e Erasmo. Muito do que se sabe a respeito da vida e intimidade de Agrippa é por causa dessa extensa correspondência, que se preservou até os dias de hoje.

As obras de Agrippa, tanto os “Três livros de Filosofia Oculta” como o tão ou mais polêmico “Da Incerteza e Frivolidade das Ciências” (em que o autor ataca tanto a possibilidade de se *realmente* conhecer alguma coisa a partir das ciências, assim como a religião e inclusive a magia), permaneceram como manuscritos durante muitos anos, até serem efetivamente publicados, a partir de 1530 (as datas variam conforme as fontes).

A influência das obras de Agrippa, e neste artigo, mais especificamente dos *Três Livros de Filosofia*, no seu tempo e nos séculos que se seguiram a sua publicação, pode ser percebida, mas não exatamente compreendida. Este estudo, portanto, pretende focar no contexto biográfico do autor (apresenta-lo ao leitor), suas influências e impactos em outros autores e pensadores; a sua grande “enciclopédia mágica”, a qual sintetiza a filosofia mágica humanista que se popularizou durante o Renascimento e que teve a atenção de diversas personalidades da época; a controvérsia em torno do pensamento e da obra de Agrippa, e a sua contribuição para o pensamento filosófico humanista e, quiçá, para os fundamentos do pensamento científico.

1- CORNÉLIO AGRIPPA, O “ARQUIMAGO”

Ninguém é alguém, um só homem imortal é todos os homens. Como Cornélio Agrippa, sou deus, sou herói, sou filósofo, sou demônio e sou mundo, o que é uma fatigante maneira de dizer que não sou.

Jorge Luis Borges, “O Imortal”

Henrique Cornélio Agrippa de Nettesheim, mais conhecido apenas como Cornélio Agrippa, nasceu na cidade de Colônia, Alemanha, em 14 de setembro de 1486. Sua família era de pequenos nobres, que segundo Tyson (2012, p. 13) “havia servido na casa real da Áustria por várias gerações”.

A maior parte do que se sabe sobre a vida de Agrippa baseia-se na extensa correspondência que ele manteve com amigos e companheiros de estudos. Assim, sua

biografia está bem documentada entre os anos 1507 (data da carta mais antiga conhecida) e 1534 (NAUERT, 2011).

Por uma dessas cartas, o próprio Agrippa afirma que seu interesse por temas ocultos e mistérios havia iniciado em tenra idade (TYSON, 2012). Entretanto, Nauert (2011) sugere que o interesse pelos estudos de filosofia oculta deve ter iniciado a partir do momento que Agrippa matriculou-se na Universidade de Colônia, em 1499, onde teria tido aulas sobre a filosofia de Alberto Magno, célebre estudioso de magia e do oculto, que foi uma grande influência no seu desenvolvimento intelectual.

Sobre a formação acadêmica de Agrippa, sabe-se que ele recebeu licenciatura em 1502, na faculdade de Artes, mas o próprio também afirmava possuir doutorado em Direito Civil e Canônico, além de um doutorado em Medicina. Tais títulos de doutorado são motivo de debates entre os biógrafos de Agrippa, tendo em vista que não há registros universitários que corroborem essa alegação. No entanto, Nauert (ibidem) pondera que Agrippa de fato exercia deveres legais como orador e advogado em Metz, isso, portanto, exigiria treinamento legal. Além disso, os registros da cidade também referiam-se a ele como doutor em leis. Com relação ao doutorado em Medicina, os registros são ainda mais escassos, porém, não necessariamente inexistentes (ibidem). Como evidências de um doutorado em medicina, Nauert indica:

A evidência mais convincente é a sua prática de medicina aparentemente bem-sucedida em várias cidades. Muitas faculdades de medicina no século XVI concediam doutorados dentro de poucos meses de matrícula, e Agrippa passou um tempo considerável em cidades universitárias, onde ele poderia ter estudado direito ou medicina. Durante a sua permanência em Genebra, em 1521-1523, a cidade o licenciou para a prática da medicina. Ele também se tornou médico municipal para a cidade suíça de Friburgo, em março de 1523. Quando entrou para a corte francesa em Lion (maio de 1524), ele se tornou um médico pessoal para Louise de Savoy, mãe do rei. Em Antuérpia, em 1528, ele sustentou sua família praticando medicina, até garantir uma nomeação na corte imperial. (ibidem, tradução nossa).

Após sua graduação, sabe-se que Agrippa passou um tempo em Paris, onde reuniu um grupo de interessados em assuntos ocultos. Conforme informa Tyson (2012), os detalhes do início da vida de Agrippa na corte são nebulosos, mas pelo que pode ser inferido de suas cartas, ele teria servido ao imperador Maximiliano I (como diplomata ou espião), e teria feito uma expedição possivelmente militar à Espanha.

Em 1509, Agrippa “já tinha compilado as notas para a sua *Filosofia Oculta*. Transbordando com a sabedoria de Reuchlin, ele decidiu dar uma série de palestras a respeito do *Mundo Mirífico*, no verão de 1509, na universidade de Dole” (ibidem, p.17).

Johann Reuchlin, uma das grandes influências de Agrippa, foi um humanista alemão, responsável por uma interpretação cristianizada da Cabala judaica, e segundo afirma Tyson, “Reuchlin teve uma influência enorme, naqueles dias, em mentes como Erasmo e Lutero. Seus escritos determinaram o tom filosófico da Reforma” (ibidem). Entretanto, tais palestras não foram bem recebidas por alguns de seus ouvintes mais conservadores e Agrippa foi denunciado como ímpio pelo líder dos monges franciscanos na Borgonha, João Cantilinet, que havia entendido suas palestras como uma apologia à “heresia judaica”. Tendo em vista que as palestras haviam sido dedicadas à princesa Margaret da Áustria, filha do imperador Maximiliano I, e conhecida pela sua generosidade com as artes e as letras, mas uma cristã devota, Agrippa ficou mal visto aos olhos dela, e por esse motivo, perdeu a possibilidade de patronagem da princesa. Mesmo escrevendo um protesto em reação ao injusto ataque que sofreu do frei, Agrippa resolve deixar Dole e voltar à Colônia.

O primeiro rascunho de sua grande obra sobre magia, *De occulta philosophia* (Filosofia Oculta), ficaria pronta em 1510, após diversos colóquios entre Agrippa e seu antigo amigo e mentor, o abade Trithemius de Spanheim, que o encorajou a completar a obra. Pouco tempo após, Agrippa precisou retornar à corte de Maximiliano, para dar seguimento ao seu trabalho como diplomata.

De 1511 a 1518 Agrippa viveu na Itália, onde esteve exposto:

a uma cultura humanista que era fortemente influenciada pelos textos Neoplatônicos, Herméticos e Cabalísticos. O seu domínio dessas fontes de saber oculto tornaram-se tanto mais amplas e profundas por causa de seu contato com os ocultistas italianos que compartilhavam seus interesses. (NAUERT, 2011, p.3, tradução nossa).

Durante esses anos, ele deu palestras públicas sobre o *Pimander* (tradução latina do tratado hermético por Marsilio Ficino) e escreveu dois tratados, *Dialogus de homine* (Diálogo sobre o homem) e *De triplici ratione cognoscendi Deum* (Caminho triplo para conhecer Deus) e casou-se com uma mulher de Pavia. Agrippa lecionou também na universidade de Turim, mas não conseguiu uma posição segura na corte de Savoy (o duque de Savoy não pagava os serviços de médico prestados por Agrippa) (ibidem). Alternado a isso, precisou, por diversas vezes, também vestir a farda de soldado, tendo em vista que na época as guerras eram sazonais. Entretanto, por meio de amigos, conseguiu uma posição de advogado e orador na cidade de Metz.

Agrippa chegou a Metz em fevereiro de 1518 e viveu durante seis anos em três cidades de língua francesa: Metz (1518 – 1520), Genebra (1521 – 1523) e Friburgo (1523 – 1524). Segundo Nauert (2011), ele foi bem-sucedido nos seus trabalhos de conselheiro legal da cidade de Metz, e de médico municipal em Genebra e Friburgo. Nessas cidades também ele teria criado grupos de estudos ocultistas e humanistas, responsáveis por circular livros de Erasmo, Lutero e outros humanistas reformistas. Após a morte de sua esposa em 1521, durante uma viagem à Colônia, Agrippa casou-se novamente em Genebra.

Os interesses heterodoxos de Agrippa, no entanto, continuaram a lhe atrair problemas. Sua amizade com o padre Claudius Deodatus, do mosteiro celestino, e suas frequentes reuniões levantaram suspeitas por parte do prior do mosteiro, Claudius Salini. Conforme Tyson, o prior, “após interrogar Claudius Deodatus acerca de suas frequentes e demoradas visitas à casa de Agrippa, ficou convencido de que Agrippa estava ensinando heresias e proibiu o monge de vê-lo” (2012, p. 25). Além disso, uma tentativa de debate com o diácono Nicolas Roscius, ocasionou involuntariamente (por parte de Agrippa) um “juízo” envolvendo outros três padres supostamente dispostos a resolver a disputa, mas que de fato armaram uma contenda pública contra Agrippa. A tentativa dos padres de desmoralizar Agrippa acabou não tendo maiores efeitos, no entanto, uma má fama a seu respeito entre os religiosos conservadores começou a frutificar.

Outras duas controvérsias marcaram sua estadia em Metz: a defesa de uma camponesa acusada de bruxaria pela Inquisição (cuja mãe já havia sido queimada na fogueira sob a mesma acusação), e a defesa das ideias de Jacques Lefèvre d’Étaples, um humanista francês que em 1518 publicou dois livretos que desafiavam as lendas a respeito da Virgem Maria, que ele dizia serem de fato antibíblicas. A defesa bem-sucedida da camponesa assim como das ideias controversas de Lefèvre ocasionaram o fim de sua carreira em Metz (ibidem, p. 28), e Agrippa precisou sair da cidade, retornando por um tempo à Colônia, para depois voltar a Genebra e Friburgo, onde viveu até 1524.

Em busca de segurança financeira, em 1524 Agrippa muda-se com sua família para Lion, na França, para ser o médico da corte da rainha mãe, Louise de Savoy. Segundo especula Tyson (ibidem, p. 30), “deve ter sido por volta dessa época que escreveu seu *Comentário da Ars Brevis* de Raymond Lully, Estava estudando Lully, Cabala e Astrologia e logo criou um círculo de amigos literários ao seu redor, enquanto esperava em Lion”.

A estadia em Lion não foi benéfica para Agrippa no sentido profissional, a rainha mãe não o pagava como prometido, e ele teve sérias dificuldades financeiras. Nesse ínterim, escreveu o tratado *De Sacramento Matrimonii Declamatio*, em que “defende o casamento por amor, como um vínculo eterno” (ibidem). Esse tratado foi dedicado à Margaret de Valois (mais tarde conhecida como Margaret de Navarro), irmã do rei da França. A dedicatória, entretanto, não resultou na almejada patronagem, apenas num modesto pagamento em peças de ouro.

É durante sua crise financeira mais desesperada, quando Louise de Savoy ausentou-se de Lion para uma longa viagem e o deixou sem pagamento algum, que Agrippa escreveu em 1526 o seu segundo grande livro, *A Incerteza e Frivolidade das Ciências* (mais conhecido como *De Vanitate*). A obra trata de um repúdio à possibilidade de conhecimento verdadeiro pelas ciências e artes, incluindo a magia e a religião. Um tempo depois, a rainha mãe solicitou que Agrippa lhe fizesse um prognóstico astrológico para o filho, o qual ele recusou, já que tal tipo de previsão era uma superstição que ia contra as leis da Igreja. Louise se ofendeu com a recusa, e um tempo depois Agrippa descobriu que seu nome havia sido removido da lista de pagamentos da corte. Mais uma vez, Agrippa precisou se mudar, indo para Antuérpia, em 1528, em busca de proteção na corte rival, de Habsburg.

Agrippa foi bem-sucedido em sua mudança de cidade, e logo chamou a atenção da princesa Margaret da Áustria, a quem tanto prezava, que lhe ofereceu o posto de arquivista e historiógrafo do imperador. Ali, “Agrippa obteve licença para imprimir e reter os direitos autorais de suas obras por seis anos” (ibidem, p.35). Uma das obras finalmente impressas foi o tratado *Da nobreza e preeminência das mulheres*, escrito em 1509 (quando estava em Dole) e dedicado à Margaret da Áustria, mas nunca publicado. O tratado versa sobre a superioridade feminina sobre o sexo masculino, partindo de interpretações das Escrituras utilizando os métodos cabalísticos de Reuchlin. Em 1529, sua segunda esposa faleceu, vítima da peste.

Em 1530, *De Vanitate* é publicado em Antuérpia, e novamente Agrippa é condenado. Conforme Nauert (2011, p. 5):

Em termos de suas relações com a regente, a publicação de *De vanitate* foi um erro. Sua crítica afiada das ordens mendicantes e de muitas práticas da igreja levou os frades a contra-atacarem com acusações de impiedade e heresia Luterana. Margaret remeteu a questão para a faculdade teológica de Louvain, que condenou o livro como escandaloso, ímpio e herético. A condenação veio ao Parlamento (alta corte) em Mechlin, e Agrippa foi demitido de sua

nomeação na corte e apresentado com uma demanda para suprimir seu livro.
(Tradução nossa)

Agrippa não aceitou suprimir a obra, e respondeu com dois trabalhos em que se defendia: *Querela e Apologia*. O tom belicoso em relação aos monges, declarando guerra a eles, não melhorou sua posição na corte (ibidem). Ainda em 1530 (conforme TYSON, 2012) ou 1531 (conforme NAUERT, 2011), o volume um da sua obra *Filosofia Oculta (De occulta philosophia)* é publicado.

Em 1532 Agrippa se muda para Bonn, após muitos problemas, tornando-se membro da corte do arcebispo Hermann von Wied, que se interessava pelos conhecimentos ocultistas e era simpático a uma reforma religiosa moderada (NAUERT, 2011). Suas dificuldades para publicar suas obras continuavam, e quando os três volumes de sua *Filosofia Oculta* estavam sendo impressos, os monges dominicanos conseguiram atrasar seu lançamento. Após denúncias acaloradas e mais defesas por parte de Agrippa, os livros finalmente foram publicados em 1533. A obra havia sido dedicada ao arcebispo Hermann (Hermano), seu último protetor, o qual possibilitou que os livros não fossem suprimidos. Ainda, em 1533, foram publicados o *Comentário Ars Brevis de Raymond Lully* e a *Disputa acerca da monogamia de Ana*.

Com relação à morte de Agrippa, é um mistério. Segundo Zambelli (1976, p. 69)

Nossas incertezas e lacunas dizem respeito também a fatos muito mais importantes e problemas muito maiores. Estes todos são simbolizados pelo mistério da morte de Agrippa, que a evidência indica ou em Lion ou - mais provavelmente - Grenoble em 1534 ou - o que é mais plausível - em 1535.
(Tradução nossa)

Tanto a história da vida como da morte de Agrippa estão contaminadas por lendas e criações supersticiosas. Conforme Nauert (2011, p. 6):

Apesar de nunca ter alcançado fama comparável a Erasmo e Lefèvre, Agrippa foi amplamente reconhecido em seu próprio tempo como um importante, embora não convencional, estudioso. Ele era famoso e (em alguns lugares) infame. Por causa de seu interesse ao longo da vida em assuntos associados com influências diabólicas, lendas hostis sobre ele se acumularam. Uma coleção fofoqueira de descrições de pessoas famosas, *Elogia doctorum virorum*, do historiador italiano Paolo Giovio, foi a fonte de muitas lendas, incluindo histórias que ele [Agrippa] usou artes mágicas para trazer vitórias para os exércitos do imperador; que ordenou um demônio a entrar no corpo de um hóspede que morreu em seu estúdio e fê-lo andar do lado de fora para que ele fosse encontrado na rua e não na casa de Agrippa; ou que ele morreu na pobreza em uma pousada de má reputação em Lion, abandonado até mesmo pelo diabo na forma de um cão que tinha sido seu companheiro constante.

Vários autores alegaram que ele deixou Bonn porque o imperador lhe havia banido da Alemanha. (Tradução nossa)

Entretanto, apesar de sua vida turbulenta e obras constantemente atacadas, os escritos de Agrippa influenciaram direta ou indiretamente diversos outros pensadores, a exemplo de Michel de Montaigne, Descartes, Giordano Bruno, entre outros (LEHRICH, 2003).

2. DE OCCULTA PHILOSOPHIA (TRÊS LIVROS DE FILOSOFIA OCULTA)

Ali encontrei por acaso um volume das obras de Cornélio Agrippa.

Abri o livro com apatia. Mas, à medida que me aprofundava na leitura, a teoria que ele tentou demonstrar e os fatos maravilhosos que relatou acabaram por transformar em entusiasmo aquele sentimento. Uma nova luz parecia raiar em minha mente e, transbordando alegria, fui correndo comunicar a meu pai a descoberta.

Meu pai correu os olhos, sem maior interesse, pelo título do livro e sentenciou:

- Ah! Cornélio Agrippa! Meu caro Victor, não perca tempo com isso. Não tem valor.

Em vez de tal observação, seria preferível que ele tivesse me explicado que os princípios de Agrippa estavam superados, e que fora criado um moderno sistema científico, mais bem alicerçado que a doutrina antiga, visto que os conceitos desta eram utópicos, ao passo que os da moderna eram reais e práticos. Se isso tivesse acontecido, satisfeita minha indagação, eu teria deixado Agrippa de lado e voltaria com maior ardor ao roteiro mais seguro dos meus antigos estudos. [...] Todavia, o olhar superficial que meu pai lançou ao livro não me convenceu, em absoluto, de que ele estivesse familiarizado com seu conteúdo. Assim, com a irreverência mental própria da idade, prossegui na leitura com maior avidez.

Mary Shelley, “Frankenstein ou o Moderno Prometeu”

A primeira grande obra de Agrippa foi composta em dois momentos: na juventude, em 1509, e depois revisada, ampliada e publicada em 1533, completa. Em 1531, havia sido publicado apenas o primeiro volume, apesar de com o título “Três livros de Filosofia Oculta de Agrippa” e de conter um sumário dos três livros completos (TYSON, 2012).

Os Três Livros de Filosofia Oculta geralmente são tratados por diversos autores como sendo nada mais que uma “enciclopédia mágica” ou um “compêndio de magia” (LEHRICH, 2003, posição 5065). Nas palavras de Nauert (2011, p. 8):

O *De Occulta Philosophia* em sua forma inicial mostrava a determinação de Agrippa de transformar a magia em uma ciência útil que iria unir todos os ramos do conhecimento mágico, ajustar estes materiais em uma única estrutura filosófica, eliminar da magia as práticas malignas e demoníacas que fizeram com que esta fosse considerada uma ciência perversa, e torna-la num conhecimento que seria benéfico para a humanidade. O objetivo dele era uma total regeneração da magia, transformando-a em uma ciência que tornaria apto o mago ou o praticante de magia instruído, a realizar trabalhos maravilhosos que contribuiriam para o bem-estar da humanidade. (Tradução nossa)

O objetivo de Agrippa, conforme visto, ia muito além da mera compilação de dados referentes a ciências ocultas ou à magia, ele pretendia criar uma obra de referência para os adeptos sinceros e estudiosos do conhecimento mágico, purgada de qualquer informação supersticiosa, perversa ou que levasse o leitor a uma visão equivocada das artes mágicas e ocultas. Tal intenção pode ser confirmada ou talvez inferida pela influência que a obra teve em outros autores. Conforme admite Frances A. Yates:

A força extraordinária da influência do *De Occulta Philosophia* de Agrippa ainda não foi plenamente percebida. Foi uma influência que operou de diversas formas com diferentes resultados. Incentivou a anjo-conjuração cabalística de [John] Dee. Incentivou os mnemônicos mágicos de [Giordano] Bruno. Foi essencial não só para a propagação da magia renascentista, mas também para a reação contra ela. (YATES, 1982 apud LEHRICH, 2003, posição 140, tradução nossa)

Entretanto, como Lehrich e outros autores também reconhecem, apesar da influência dessa obra ser inegável, os estudiosos modernos não sabem explicar porque é influente (ibidem).

O conteúdo dos *Três Livros de Filosofia Oculta* (a partir daqui, “TLFO”) refletem diversas influências filosóficas, especialmente dos filósofos florentinos Marsilio Ficino e Giovanni Pico della Mirandola, do hebraísta alemão Johann Reuchlin (no que tange à interpretação cristã para a Cabala judaica) e dos tratados herméticos traduzidos do grego por Ficino (“Pimander”) (NAUERT, 2011). Além deles, outras influências são notórias na leitura dos três volumes: citações (diretas ou não especificadas) da obra *Natural History* de Plínio, o Velho, Alberto Magno, Ramon Lull (ibidem), Platão, Aristóteles, Tomás de Aquino, Agostinho, Plutarco, Porfírio, Avicenna, Plotino, Proclo, Pausânias, Jamblicus, Homero, Hesíodo, Zoroastro, Heráclito, Pitágoras, Jesus Cristo e da Bíblia e do Picatrix (um dos mais conhecidos grimórios árabes da Idade Média), para citar apenas alguns. Explica Nauert (2011, p. 7):

Ficino e Pico foram a fonte de Agrippa para os textos filosóficos que formaram a base teórica de sua concepção de mágica, as obras de Platão, os neoplatônicos

de Alexandria (especialmente Plotino), e os textos herméticos, todos os quais Ficino tinha traduzido para o latim. A partir dos florentinos, ele [Agrippa] tomou o conceito de uma *prisca theologia*, o corpo de livros de sábios antigos que se acreditava anteceder mesmo os filósofos gregos e que registrava revelações divinas que se assemelhavam à revelação de Deus aos Hebreus na Bíblia. Estes sábios, incluído Zoroastro e o *Oracula Chaldaica* (Oráculos Caldeus), supostamente representando a sabedoria primordial dos persas e babilônios; Hermes Trismegisto, que preservou a sabedoria dos sacerdotes egípcios; e Pitágoras, o sábio grego semi-mítico que supostamente passou adiante a sabedoria dos egípcios, babilônios, persas e mais tarde a filosofia grega. Os textos atribuídos a estes sábios, a maioria dos quais são falsificações posteriores, supostamente preservaram uma revelação divina a cada uma das civilizações antigas. (Tradução nossa)

No que diz respeito às citações de outras obras e pensadores utilizados por Agrippa, esse parece ser um ponto comum de crítica ao seu TLFO, já que Agrippa nem sempre informa ao leitor de onde determinadas informações que emprega foram retiradas ou baseadas. Lehrich explica essa conduta, citando Nauert:

Sobre o fato de que Agrippa não costuma dar referências, como Charles Nauert corretamente observa, "A prática de citar as antigas autoridades explicitamente, mas em segunda-mão, enquanto discretamente deixar de mencionar as fontes medievais [ou contemporâneas, gostaria de acrescentar] das quais se havia realmente tirado informações, era uma prática padrão de autores renascentistas," embora admita que "Agrippa era um transgressor flagrante a este respeito". (LEHRICH, 2003, posição 5072, tradução nossa)

Apesar disso, a erudição demonstrada por Agrippa é inegável. Nauert (2011) comenta que o fato de um manuscrito antigo do TLFO, da juventude de Agrippa, ter sobrevivido, possibilitou a Vittoria Perrone Compagni publicar uma edição crítica incorporando o manuscrito inicial à obra posterior, ampliada e revisada, e, dessa forma, observar o extraordinário aumento do conhecimento do autor sobre Cabala, Hermetismo e Neoplatonismo, no período de 1510 a 1533, que separa as duas versões. Nas palavras de Nauert (ibidem, p. 8, tradução nossa), "o aumento do seu conhecimento é impressionante". Tal desenvolvimento intelectual também denota que, apesar da produção da sua obra cética *De Vanitate*, em 1526, "que julga todos os campos do conhecimento humano como incertos, inúteis e até prejudiciais" (ibidem, p.15, tradução nossa) e de suas dúvidas quanto ao próprio conhecimento mágico e ciências ocultas, aparentemente, Agrippa não deixou de se interessar em estudar e se aprofundar em tais temas. Posição essa efusivamente defendida por Tyson (2012), editor da versão do TLFO consultada para este artigo. Nauert (1957), ao contrário, afirma que certamente a produção do *De Vanitate* marca o fim do interesse ou da convicção de Agrippa nas ciências ocultas.

O TLFO, como o próprio nome indica, corresponde a três volumes, que se referem a três divisões do conhecimento mágico propostos por Agrippa. O volume um (1) trata da “magia natural”, o volume dois (2) da magia matemática ou celestial, e o volume três (3) da magia cerimonial ou divina. Conforme Lehrich, “O TLFO é dividido em três livros, explicitamente ligados com os mundos neoplatônicos (natural, celestial, divino)” (2003, posição 978, tradução nossa). Tal divisão é justificada por Agrippa logo no primeiro capítulo do primeiro volume:

Vendo que existe um mundo triplo, elementar, celestial e intelectual, e que todo inferior é governado por seu superior e recebe a influência das virtudes dele, de modo que o original e principal Trabalhador de todos, por meio dos anjos, dos céus, das estrelas, elementos, animais, plantas, metais e pedras, transmite de si as virtudes de sua onipotência sobre nós, para cujo serviço ele fez, criou todas essas coisas, os sábios não consideram de modo algum irracional que nos seria possível ascender pelos mesmos graus, através de cada mundo, até o mesmo velho mundo original, o Criador de todas as coisas e Primeira Causa, de onde todas as coisas são e procedem; também não apenas desfrutar essas virtudes, que já se encontram entre a mais excelente espécie de coisas, mas ainda atrair novas virtudes do alto. [...] A ordem e o processo de tudo isso, eu me esforcei para expressar nestes livros. O primeiro contém magia natural; o segundo celestial; e o terceiro, cerimonial. (AGRIPPA, 2012, p.78)

Ao contrário do que pode parecer e que é o ponto de vista de alguns estudiosos sobre Agrippa (a exemplo de Yates, Thorndike e outros, citados por Lehrich e Tyson), o TLFO não pode ser lido à maneira de uma enciclopédia ou compêndio, em que os verbetes ou capítulos são autossuficientes ou independentes uns dos outros. Os três volumes correspondem a graus de conhecimento, ou de “iniciação”, mais em conformidade com o jargão mágico-ocultista. Tal indicação transparece na citação anterior quando Agrippa diz “ascender pelos mesmos graus”, informando que se trata de uma “subida”, que, portanto, dependerá de que cada grau seja galgado. Como observa Lehrich, “[...] tornou-se cada vez mais claro que a aplicação prática de qualquer sistema do TLFO requer amplo conhecimento de todas as partes do texto. É impossível pegar o livro e usá-lo, ao estilo de um livro de receitas, para convocar demônios ou sonhos proféticos” (2003, posição 2794, tradução nossa).

O primeiro volume do TLFO trata do “mundo” da magia natural, portanto, das bases do conhecimento mágico. Nele, Agrippa discorre sobre o que é magia, sobre os elementos, as virtudes naturais e ocultas das coisas, das pedras, ervas, cores, astros e suas influências e regências; misturas, sufumigações, perfumes, unções, remédios, colírios, feitiçarias; espécies de adivinhações, paixões da mente e sua influência sobre o próprio

corpo e o de outras pessoas; encantamentos, virtudes das palavras e dos nomes próprios, entre outros temas afins. O segundo volume, por seu turno, trata dos temas do mundo da magia celestial ou matemática. Nesse volume, Agrippa disserta sobre a importância do aprendizado matemático (num sentido flagrantemente numerológico), do poder e virtude dos números, suas atribuições às letras, adivinhação, números consagrados a deuses; figuras e corpos geométricos; poder do som e harmonia musical; observação de planetas e estrelas; imagens e selos dos corpos celestes; desenho de caracteres; a Alma do Mundo; recitações mágicas etc.

Por fim, no terceiro volume chega-se ao píncaro da obra e do conhecimento mágico proposto nela, a magia divina ou cerimonial. Aqui, Agrippa explica a importância da religião, o conhecimento de Deus, a divina Trindade, emanações divinas, nomes divinos, membros de Deus, as almas celestiais, os espíritos maus e a Queda, descoberta do próprio gênio, a língua dos anjos, nomes sagrados dos anjos, cálculo de nomes segundo a Cabala, caracteres e selos dos espíritos, como atrair ou expulsar espíritos, deuses mortais e terrestres, heróis, dons divinos que o homem recebe, vida após a morte, vidência e transe, sonhos proféticos, oráculos, sacrifícios, adorações, consagrações e temas correlatos.

A diversidade de temas tratados por Agrippa está organizada, em sua maioria, em capítulos curtos, repletos de exemplos ou evidências, que no geral são obscuros ou pouco específicos. Segundo Lehrich, “A principal dificuldade em ler o TLFO, então, é que sua absoluta consistência requer evidências, levando a uma enciclopédica – e frequentemente tediosa – lista de fatos. Além disso, o TLFO usa este mesmo tédio para mascarar [sua] inortodoxia” (ibidem, posição 5110, tradução nossa).

A “inortodoxia” do TLFO possui uma razão de ser: o conhecimento ocultista, mágico, deve permanecer oculto aos olhos dos ignorantes e descrentes, pois se refere a saberes que podem ser perigosos se mal utilizados ou utilizados por pessoas corruptas ou mal intencionadas. Como esclarece Nauert (2011, p. 9):

Tal saber é esotérico. Por causa do poder que ele confere, seria potencialmente perigoso para a religião, a sociedade e os indivíduos, se cair nas mãos dos brutos e massas ignorantes. Ele devia ser comunicado apenas aos indivíduos a quem o mágico (o mago) sabia serem dignos, tanto intelectualmente e moralmente, pessoas que usariam esse poder para o benefício da humanidade (OP 3: 2). Grande parte dessa sabedoria tinha sido expressa em enigmas e quebra-cabeças e histórias simples que mascaravam um significado mais profundo. Isso era verdade não só para a cabala judaica, mas também para a *prisca theologia* e os escritos filosóficos dos platônicos. Um significado secreto, oculto foi deliberadamente escondido sob as palavras de textos

antigos, e apenas aqueles que tinham recebido formação adequada por um mestre poderiam (ou deveriam) compreender o significado completo.

No final do *De occulta philosophia*, Agrippa advertiu seus leitores que ele tinha escrito de tal forma que o prudente e inteligente iria entender, mas os corruptos e incrédulos não; debaixo de seu próprio texto havia um "significado disperso" (*dispersa intentio*) que o sábio seria capaz de extrair e reunir, encontrando em um só lugar os princípios que revelam o verdadeiro significado de outra passagem, onde o significado não era evidente (OP 3: 65). Agrippa não forneceu receitas mágicas ou fórmulas e muitas vezes foi intencionalmente vago, pois o poder mágico era potencialmente perigoso" (Tradução nossa).

Por essa razão, também sua obra não poderia ser lida apenas como um “manual para consultas”, pois o significado de determinadas passagens ou informações podem estar “escondidos” em outros capítulos ou nos outros volumes. Por isso Agrippa avisa que apenas os sábios ou iniciados poderiam entender seus escritos: “para que se tornem visíveis a vocês, homens sábios; pois só para vocês é que foram essas palavras escritas, vocês cuja mente não é corrompida, e sim regulada de acordo com a ordem correta de viver [...]” (AGRIPPA, 2012, p. 864).

3. A FILOSOFIA DO TLFO

No presente artigo não se pretende tratar profundamente da filosofia proposta no TLFO, mas apenas em linhas gerais, de modo que pela essência filosófica da obra se apreenda o pensamento e (possivelmente) intenções do seu autor, ao produzi-la.

Como já explicado anteriormente, assim como foi realizada a divisão dos volumes do TLFO, assim é o entendimento de Universo para o seu autor: tripartite. Dessa forma, o Universo divide-se em elemental (ou material), celestial (correspondendo à Astrologia e matemática) e intelectual (ou divino, de demônios bons – os anjos - e demônios ruins, procedentes da rebelião contra Deus, liderada por Satã). Agrippa entendia o universo como sendo hierárquico e ordenado, com diversos níveis, sendo que os níveis mais baixos seriam ocupados pelos seres materiais, e os níveis mais elevados pelos seres divinos, havendo diversas gradações de níveis entre esses extremos. Seguindo esse raciocínio, quanto menos material ou mais espiritual um ser é, mais próximo do Criador ou mais alto na escala da criação ele está (NAUERT, 2011).

As três divisões do Universo certamente não eram entendidas como estanques ou independentes, elas se intercomunicavam, estavam ligadas. O Universo é três mas

antes é Uno. O conceito de Uno e das divisões do universo remetem à filosofia neoplatônica, especialmente ao pensamento do filósofo Plotino e a teoria da emanção. Plotino argumentava que existiam três elementos fundamentais: o Uno, o Intelecto e a Alma (do mundo), e a partir deles, por emanção, toda a existência procedia. Segundo Abbagnano (2012, p. 826),

[...] teoria da emanção, ou seja, todas as coisas existentes derivam necessariamente de Deus e vão-se tornando cada vez menos perfeitas à medida que se afastam d'Ele, conseqüentemente o mundo inteligível (Deus, Intelecto e Alma do mundo) é distinto do mundo sensível (ou material), que é uma imagem ou manifestação do outro.

Por ser assim, Agrippa admitia que o Criador poderia exercer influência sobre as divisões do Universo, seguindo a ordem dos níveis mais próximos a Ele (como os anjos), aos mais distantes (passando pelos planetas até os seres materiais animados e inanimados). Explica Nauert (2011, p. 10):

Este universo tripartite não é apenas ordenado, mas vivo, um grande animal vivo; e cada parte está ligada a todas as outras partes em relações harmoniosas. No universo material, existem proporções harmoniosas entre os quatro elementos (terra, ar, fogo e água) e o corpo humano, uma ideia que era aplicável à medicina de Galeno, que considerava a boa saúde como dependente de um equilíbrio harmonioso entre os quatro humores (quente, seco, molhado, frio) relacionados com os quatro elementos. Vários símbolos (como letras, palavras, números e imagens) podem ser usados para expressar as relações nos mundos angélicos, celestes, e elementais. Estes símbolos carregam o poder dos seres que eles representam, de modo que um mago bem-informado pode usar símbolos para afetar as coisas no mundo natural. Seguindo o exemplo de Pico della Mirandola e Johann Reuchlin, Agrippa encontrou tal simbolismo e poder melhor expressados na letra - e número - do misticismo dos cabalistas judeus. (Tradução nossa)

É este ponto de vista que também fundamenta a tese da influência dos astros (astrologia) e dos anjos sobre os seres humanos em particular. As relações harmônicas entre os diferentes níveis, e que procedem de Deus, é que justificam essa influência: “Todos os poderes são difundidos para o homem da fonte suprema do bem, pelos sete planetas, como se eles fossem instrumentos” (AGRIPPA, 2012, p. 757). No entanto, Agrippa é direto ao avisar que toda essa ordem e influências têm como causa primeira Deus, e que tais relações, mesmo ao mago diligente e sincero, não poderão nunca ser compreendidas pela razão humana. De qualquer modo, essas relações e influências podem ser experimentadas, mas isso somente seria possível a partir do conhecimento da experiência comunicada e compilada em livros antigos, pelos grandes sábios do passado (NAUERT, 2011). Além disso, não seria possível transgredir ou transpor o próprio nível

hierárquico em que se encontra. De fato, a simples tentativa de algo assim é considerada como pecado, um pecado como o cometido por Satã.

Os quatro elementos também são fundamentais para a compreensão de Universo no TLFO. Agrippa explica que o mundo criado é dividido entre os quatro elementos: fogo, água, terra e ar. Eles não existiriam apenas no nível material, mas também comporiam os níveis mais elevados, mas não da mesma forma que no nível material: quanto mais superior o nível, mais puros, perfeitos e menos grosseiros os elementos seriam. Mesmo Deus conteria os elementos, mas na forma de ideias das coisas criadas (ibidem). Nas palavras de Agrippa:

É consenso entre os platônicos que, assim como no mundo original, exemplar, todas as coisas estão presentes em tudo, também neste mundo corpóreo, todas as coisas estão em tudo: os elementos, portanto, não só se encontram nesses corpos inferiores, mas também nos céus, nas estrelas, nos demônios, nos anjos e, por fim, no próprio Deus, o criador e exemplo original de todas as coisas. Ora, nesses corpos inferiores, os elementos são acompanhados de muita matéria bruta; mas nos céus eles estão com sua natureza, sua virtude, ou seja, segundo um modo celestial e mais excelente que as coisas sublunares. Pois a firmeza da terra celestial existe sem o peso da água; e a agilidade do ar, sem transbordar seus limites; o calor do fogo, sem queimar, apenas brilhando e dando vida a todas as coisas por meio de seu calor. [...]

Que os elementos podem ser encontrados em todo lugar e em todas as coisas, à sua maneira, nenhum homem pode negar. Primeiro, nesses corpos inferiores, féculentos e grosseiros, depois nos celestiais mais puros e claros; e ainda nos supercelestiais vivos, e em todos os aspectos abençoados. No mundo exemplar, os elementos são portanto as ideias das coisas a serem produzidas, nas inteligências são poderes distribuídos, nos céus são virtudes e nos corpos inferiores são formas grosseiras. (AGRIPPA, 2012, p.104)

As propriedades das coisas no mundo natural, portanto, dependeriam da mistura dos elementos que elas contêm. E aqui entra a noção de propriedades ocultas dos elementos:

Tendo essas virtudes muita forma e pouca matéria, são capazes de realizar muito; mas uma virtude elementar, possuindo mais materialidade, exige mais matéria para agir.

E elas são chamadas de qualidades ocultas, porque suas causas se escondem e o intelecto do homem não as pode alcançar ou descobrir. Os filósofos chegaram à maior parte delas por meio de longa experiência, e não por uma busca por meio da razão... [...]

Assim, existem nas coisas, além das qualidades elementares que conhecemos, outras determinadas virtudes inatas criadas pela natureza, as quais não conhecemos e que raramente ou nunca foram vistas. (ibidem, p. 109)

Conforme esclarece Nauert (2011, p. 10):

Algumas propriedades naturais, no entanto, não podem ser entendidas a partir de uma análise dos elementos; é por isso que elas são ocultas. Essas propriedades podem ser descobertas apenas a partir de longa experiência, experiência que inclui o conhecimento registrado nos livros antigos de magia. Exemplos de propriedades ocultas que são obviamente válidas, mas não podem ser explicadas pela razão, incluem o poder do ímã para atrair o ferro, ou a capacidade do estômago para transformar alimentos em carne e osso, ou o poder bem atestado da Fênix de se regenerar em um clarão de fogo. Muitos efeitos ocultos são o resultado do "espírito do mundo" (*spiritus mundi*), ou quintessência (o quinto elemento), que permeia o universo e contém poder gerador que a razão não consegue entender. Este quinto elemento é a força utilizada por alquimistas em transmutações. (Tradução nossa)

Outras noções inferidas a partir dos volumes do TLFO, é que “o igual serve para o igual” (AGRIPPA, 2012, p. 279) ou o semelhante causa o semelhante. Dessa forma, faz sentido utilizar a urina de uma mula, um animal naturalmente estéril, como método contraceptivo (NAUERT, 2011), entre outras inúmeras associações dentro dessa mesma lógica, fartamente relatadas no TLFO. Ou como sintetiza Nauert (*ibidem*, p. 11, tradução nossa): “as forças ocultas podem ser transferidas de um objeto para outro”.

A divisão tripartite do universo também é empregada na magia, sendo que a magia natural empregaria os elementos e demais forças naturais; a magia celestial, os astros e suas influências; e a magia cerimonial, requereria o auxílio dos seres divinos ou espirituais, anjos e demônios. Do mesmo modo como ocorre na divisão do universo, a divisão entre as magias não as torna estanques, uma depende da outra ou de elementos da outra, para que funcione. O fato da magia (tanto a natural como a cerimonial) proposta no TLFO necessitar da ajuda demoníaca (seja ela boa ou ruim) ou de não poder evitá-la é que tornou o livro “problemático” aos olhos do grande público e dos estudiosos, pois lembrava os cultos politeístas pagãos (NAUERT, 2011).

Agrippa (2012, p. 13) entendia também que

[...] a magia supõe que a relação entre os símbolos (palavras, letras e números) e as coisas que eles representam não é arbitrária ou convencional, mas é eternamente fixada na ordem do universo. Línguas, que são feitas de palavras, têm um elemento essencial, não apenas uma convencional relação com as coisas; e o poder mágico das palavras e letras é maior se forem provenientes de uma língua antiga e nobre, como hebraico [sendo] o mais poderoso de todos, uma vez que é a linguagem humana original (OP 1:74 Tradução nossa)

Por ser assim, os nomes teriam grande poder, pois são vistos como verdadeiras representações e não apenas como símbolos arbitrários. Por efetivamente representarem o que nomeiam, eles compartilhariam o poder daquele ou daquilo que nomeiam ou representam, sendo assim, um mago ou aquele que sabe ou descobre o nome de um espírito poderia controlá-lo, persuadi-lo a obedecer seus comandos (*ibidem*).

Finalmente, é importante também considerar que Agrippa entendia o homem como um Microcosmo (uma noção neoplatônica), uma versão em miniatura do macrocosmo (universo entendido como uma unidade singular):

Deus também criou o homem à Sua imagem; pois assim como o mundo é a imagem de Deus, também o homem é a imagem do mundo. Por isso, alguns pensam que se diz que o homem não é criado apenas à imagem de Deus, mas também à imagem da imagem, sendo chamado, portanto, de microcosmo, que é o mundo menor. (AGRIPPA, 2012, p.749)

Dessa forma, a alma humana também era entendida como tripartite: *mens* (mente ou intelecto, mais próximo de Deus), *ratio* (razão) e *idolum* (sentidos, corporeidade, a parte mais inferior da alma) (ibidem). Conforme explica Nauert (2011, p. 14):

Ele [Agrippa] declara que a alma é individual e que será eternamente recompensada ou punida após a morte de acordo com o seu comportamento durante a vida. A parte do meio (*ratio*) de uma boa alma está unida ao *mens* e partilha da sua vida eterna. Se a alma tem sido má, isto é, se a razão (*ratio*) tem abraçado *idolum* em vez de *mens*, ela se junta à morte com *idolum*. O que acontece a seguir não é claro, e Agrippa descreve várias possibilidades. (Tradução nossa)

A partir dessa concepção, entende-se também que o conhecimento oculto verdadeiro não poderia ser obtido da razão humana ou do conhecimento sensorial, mas somente de *mens* (intelecto) (ibidem).

4. POSSÍVEIS CONTRIBUIÇÕES PARA A CIÊNCIA

A Magia Natural, portanto, é aquela que contempla os poderes de todas as coisas naturais e celestiais; e buscando com curiosidade sua solidariedade, revela publicamente os poderes ocultos na natureza, assim unindo as coisas inferiores como atrativos às dádivas das coisas superiores, por sua aplicação mútua; e daí surgem grandes milagres, tanto pelas artes quanto pela natureza, à qual a arte se torna assistente enquanto opera essas coisas.

Pois os magos, como os mais curiosos pesquisadores da natureza, fazem uso dessas coisas que são preparadas por ela, aplicando coisas ativas às passivas, produzindo, às vezes, efeitos antes do tempo ordenado pela natureza, que as pessoas comuns pensam se tratar de milagres aquilo que, de fato, são obras naturais [...]

Cornélio Agrippa, “De Occulta Philosophia”

Como informado no capítulo 2 do presente artigo, as contribuições da filosofia ou da obra de Agrippa para a revolução científica que ocorria em sua época ou posteriormente não podem ser precisadas. Alguns autores, no entanto, especulam de que modo Agrippa pode ter contribuído, especificamente aqui, a partir da difusão do seu TLFO.

Lehrich (2003) cita uma síntese da tese de Frances Yates, que havia postulado vários passos que levariam a uma mudança na visão de mundo, revolução científica e que, por fim, promoveriam o nascimento do pensamento científico e da ciência moderna:

H. Floris Cohen resume a posição dela [Yates] em termos de cinco alegações, das quais duas são relevantes para uma análise de Agrippa: (1) o fascínio mágico pelos números incentivaram a matematização científica; e (2) o poder de um mago humano individual para dominar a natureza encorajou uma abordagem ativa, experimental. (LEHRICH, 2003, posição 1674, tradução nossa)

Lehrich entende que a interpretação de Yates é correta, apesar de questionar a clareza da equivalência de um homem enquanto operador (mago) com o homem enquanto cientista (ibidem). De fato, Lehrich entende que boa parte dos problemas para encontrar ou realizar a ligação entre a magia natural do século dezesseis e o desenvolvimento de novas abordagens, experimentos e teorias da natureza reside na própria definição de magia natural, que tende a divergir de pensador para pensador.

Nauert analisa a possível contribuição de Agrippa para o pensamento científico que marcaria os séculos seguintes como sendo a base utilitarista com que ele tratou seu TLFO quando de sua publicação final, em 1533, em que Agrippa recomenda (ou mais propriamente “admoesta”) ao leitor que aproveite o que for útil na obra, e ignore o que não pode ser utilizado ou é entendido como vão ou supersticioso. Nas palavras de Nauert (1957, p. 179):

Agrippa exorta seus leitores a aceitar o que eles acharem útil e a rejeitar o resto, pois ele mesmo apenas relata as opiniões dos outros e não aprova tudo o que o livro contém. Do que Agrippa realmente está se aproximando com a sua atitude pragmática frente a conjecturas e fatos empíricos é um esboço da ideia da hipótese e sua sujeição à prova dos fatos, um procedimento que caracteriza a metodologia da ciência moderna. Ele não tem, é claro, nenhuma consciência clara desse princípio, e não há nenhum indício de qualquer experimentação controlada ou expressão quantitativa, mas sua mente tende nessa direção. (Tradução nossa)

Para Nauert, portanto, Agrippa, em seus últimos anos, pelo desenvolvimento do seu ceticismo na razão humana, nas ciências e no conhecimento oculto, ao ponto de

concluir que é melhor ficar somente com o que pode ser utilizado, testando o conhecimento adquirido, e abandonar o que não tem uso ou proveito, teria contribuído com uma “semente” para o pensamento científico. Nauert (2011, p. 182) finaliza:

Ao continuar a defender a realidade da percepção sensorial dos singulares, ao ensinar que todas as abstrações intelectuais são igualmente arbitrarias, e por insinuar que se poderia, na prática, seguir qualquer sistema abstrato, desde que ele receba o teste pragmático dos fatos, Agrippa estava, inconscientemente, se movendo em direção às doutrinas epistemológicas subjacentes da ciência moderna: hipótese científica e sua sujeição à prova dos fatos. (Tradução nossa)

5. CONCLUSÃO

Cornélio Agrippa foi um pensador controverso, pouco compreendido em sua própria época e ainda mais incompreendido nos séculos seguintes, não apenas pelo público leigo, mas também pelos estudiosos da história humanista renascentista, da história da magia e da ciência. Sua vida tumultuada e repleta de reviravoltas se reflete em seu pensamento e, conseqüentemente, em sua obra. Tido por muitos autores como sendo apenas “contraditório” ou tendo uma mente assaz “flexível”, Agrippa, de fato, parecia ter um intelecto livre, curioso, prático e inegavelmente erudito. Certamente muito do preconceito com que suas obras foram e ainda são tratadas parece estar mais relacionado a uma dificuldade de compreensão do que ele *intencionava* com seus escritos do que com seus escritos propriamente ditos, pois outros autores os quais versavam sobre os mesmos temas não tiveram o mesmo *tratamento* por seus estudiosos e pesquisadores. Possivelmente, a aparente despreocupação com a criação de um sistema coeso de pensamento ou de uma *filosofia linear* também contribuem para o estranhamento com que foi tratado.

A sua obra magna, *Três Livros de Filosofia Oculta*, obscura, vaga, enigmática, conseguiu o incrível feito de influenciar diversos pensadores renomados de sua época e dos séculos seguintes e de continuar a confundir os seus estudiosos e demais leitores, desde a sua publicação. Além disso, é inegável a contribuição de sua obra para a propagação da magia renascentista (tão característica do pensamento humanista), não só durante sua vida, mas, posteriormente, e o próprio Agrippa acabou se tornando, com o tempo, uma espécie de grande mago arquetípico, lendário.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

AGRIPPA, H. Cornelius; TYSON, Donald. **Três livros de filosofia oculta**. São Paulo: Madras, 2012.

BORGES, J. Luis. **O imortal**. Disponível em: <<https://conselheiroacacio.wordpress.com/2008/08/19/o-imortal-jorge-luis-borges/>> Acesso em: 01 nov. 2015.

LEHRICH, Christopher I. **The Language of Demons and Angels: Cornelius Agrippa's Occult Philosophy**. Leiden: E.J. Brill, 2003. Versão Amazon Kindle.

NAUERT, Charles. Heinrich Cornelius Agrippa von Nettesheim. *The Stanford Encyclopedia of Philosophy*. Summer 2011. Disponível em: <<http://plato.stanford.edu/archives/sum2011/entries/agrippa-nettesheim/>>. Acesso em: 30 jul. 2015.

_____. Magic and skepticism in Agrippa's thought. **Journal of the History of Ideas**. V. 18, n.2, p. 161 – 182, abril 1957. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/2707622>>. Acesso em: 30 jul. 2015.

SHELLEY, Mary. **Frankenstein**. Rio de Janeiro: Ediouro; São Paulo: Publifolha; 1998.

ZAMBELLI, Paola. Magic and radical reformation in Agrippa of Nettesheim. **Journal of the Warburg and Courtauld Institutes**. V. 39, p 69 – 103, 1976. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/751133>>. Acesso em: 30 jul. 2015.